



A IMPORTANCIA DE CONTAR HISTORIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Patrícia Evellyn Costa - UTFPR – patriciaevellyn@hotmail .com
Janete Santa Maria Ribeiro – UTFPR – janetesantamaria@gmail.com

Linha de Pesquisa: Educação – métodos e técnicas de ensino.

RESUMO

O presente artigo se constitui em trabalho de conclusão do curso, o qual tem como objetivo verificar a importância de contar histórias na educação infantil, mostrando a dimensão desse ato no desenvolvimento do imaginário, do lúdico, observando os benefícios que contar histórias trará para os alunos no seu faz de conta e, também, auxiliando no crescimento intelectual da criança através da sua interação com tal atividade. Além de, salientar a magnitude do papel do professor e dos pais para o desenvolvimento da leitura por prazer, analisando os benefícios que a leitura acarretará na vida escolar e cotidiana dos alunos. O presente estudo está permeado por pesquisa bibliográfica, utilizando livros, base de dados Scielo e revistas científicas. Através da pesquisa percebeu-se que a literatura infantil e a contação de história tem grande importância na motivação da aprendizagem das crianças, evidenciando que essa prática pedagógica desperta a imaginação, desenvolve a leitura, a escrita e a oralidade entre as crianças. Esse “faz de conta” oportuniza as crianças descobrirem as respostas para suas necessidades, tomando posições, solucionando problemas, experimentando outras formas de pensar, agir e ser.

Palavras chave: Contar histórias; imaginação; leitura; trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Triste daquele que nunca viajou para outro mundo por meio das histórias, essas que nos permitem imaginar “de tudo e mais um pouco” e nos apresentam um novo mundo, onde fantasiemos nossos maiores medos, aprendendo a superá-los com ajuda dos nossos super-heróis. Além de serem prazerosas, as histórias trazem consigo muitos benefícios, os quais serão descritos ao decorrer deste trabalho.

A literatura tem uma poderosa função no desenvolvimento e formação de qualquer indivíduo: “A literatura em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transformação: a de servir como

agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.” (COELHO, 2009, p.15). E ainda, Cunha (2006) comenta que a literatura infantil, diferentemente da literatura para adultos, é mais abrangente, pois serve e encanta qualquer idade.

A contação de história estimula a curiosidade, o imaginário, a construção de idéias, expandindo conhecimentos e fazendo com que a criança vivencie situações que a proporcionam sentir alegria, tristeza, medo, e as personagens dessas histórias, muitas vezes servem de exemplo para as crianças, ajudando à resolver conflitos e criando novas expectativas, tonando-se super-heróis.

A contação de história, quando somada á intervenção do profissional, e esta se utilizando da dinâmica e criatividade para realizar tal tarefa, faz com que haja participação e compreensão da criança e desse modo atuar incentivando seu imaginário. O Educador infantil possui um importante papel na evolução intelectual e na base do crescimento escolar da criança, visto que, possibilita o desenvolvimento de construções significativas, levando o aluno a uma melhora na compreensão do mundo.

Mas não é apenas dever do educador incentivar este imaginário. É também dever dos pais, quanto mais cedo a criança tiver contato com a leitura, mais cedo ela aprenderá a gostar de ler e não será “chato” quando crescer e o professor pedir a leitura de um livro. Pelo contrário, ela sentirá prazer ao realizar a tarefa. As crianças se espelham nos pais. Uma casa de leitores será propício para criar um leitor nato, mas, uma casa que não tem livros e que ninguém se interessa pela leitura, torna-se penoso instigar seus filhos a lerem.

Além de incentivar o imaginário, o espelhamento em personagens que tem uma história em que há um objetivo, lição, ou aprendizado pode ter semelhança com alguma experiência vivida pelas crianças e assim dar um suporte para resolução de conflitos internos.

Partindo dessas abstrações, temos como ponto de partida analisar a importância da contação de histórias na Educação Infantil como este ato contribui para o desenvolvimento do imaginário, do lúdico e como pode influenciar no crescimento intelectual da criança. Assim como explicar o papel da família e do educador no despertar do interesse pela leitura nas crianças.

A partir desses escopos, buscou-se sustentáculos em teorias de Abramovich(2001), LDB (1996), Bamberger (1995), Busatto (2006), entre outros autores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Que atire a primeira pedra quem nunca se encantou por histórias, sejam elas infantis ou não! As histórias permitem a nossa imaginação criar asas e voar para um mundo maravilhoso, no qual podemos fantasiar nossos maiores sonhos, vencer nossos temíveis medos. De acordo com Dohme (2000) “as histórias são um ‘Abra-te sésamo’ para o imaginário, onde a realidade e a fantasia se sobrepõem”. Além do prazer proporcionado ao abrir as portas do imaginário, também propiciamos o desenvolvimento cognitivo, afetivo, da oralidade, da escrita, pessoal e social na educação infantil.

Brito (2010) afirma que a leitura pode nos proporcionar um poder: “a leitura tem um poder estranho, uma energia única que cerca cada leitor, acende a imaginação, despertando em cada um a capacidade de imaginar o como seria e o que poderia ser”. Preparando-os para a leitura, estamos oferecendo para as crianças esse poder e, também, um passaporte para o ilimitado mundo da ficção e/ou da realidade.

Ouvindo histórias também podemos conduzir as crianças a conhecer diferentes emoções, como a tristeza, o pavor, a segurança, entre outros.

“É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...”.

(ABRAMOVICH, 2001, p. 17)

Por essa razão, o ponto principal na hora de contar histórias é saber despertar emoções. Dessa forma, podemos afirmar que contar histórias é uma arte, pois quem conta deve sentir e dar prazer e deve criar uma fonte de alegria e encantamento.

Para Regatieri (2008) a contação de histórias tem a função de divertir e entreter, já Abramovich (2001) afirma que, além dessas funções, é o início da aprendizagem para ser um leitor, e um caminho de descoberta e compreensão

do mundo. E com Bamberger (1995) percebemos o quão é importante despertamos no aluno a vontade pela leitura, pois o desenvolvimento do interesse pela leitura é capaz de perdurar a vida inteira. Os primeiros passos que a criança dará para construir seu mundo, será através da leitura, um mundo que nos fascina, nos permite construir tudo. E é contando “história para ela estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que seu universo se amplie e seja mais rico” (BUSATTO, 2003, pag. 12).

Quanto mais cedo a criança tiver contato com livros, antes também ela aprenderá a ler por prazer, e não por obrigação de um colégio e/ou professor “chato”. E o primeiro contato com a leitura deve vir através do exemplo do pai e/ou da mãe, vendo o interesse dos pais pela leitura, ela se sentirá instigada a conhecer os livros. Torna-se difícil gostar da leitura em uma casa onde ninguém lê, onde a criança não tem contato com um livro. É importante salientar que é nessa fase de desenvolvimento que a crianças faz descobertas, desse modo, o contato com o livro permite ela visualizar que através das histórias é possível aprender a escrever, a imaginar, a pensar e a descobrir o mundo.

“O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais... Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação” (ABRAMOVICH, 2001, p.16-17).

Cunha (2006) afirma que levando o livro à infância, se estará criando hábitos de leitura e, conseqüentemente, uma forma de enriquecimento, pois a leitura exige consciência, atenção, incentiva a crianças a tornar-se crítica, criativa e produtiva. E a LDB afirma que é através do “faz de conta” que ao oportunizamos as crianças observarem cenas do dia a dia, tomando posições, solucionando problemas, experimentando outras formas de pensar, agir e ser. Com isso estamos fornecendo para as crianças, descobrirem as respostas para

suas necessidades, “revelando situações que permitem liberar a imaginação, ao pensamento e ao desenvolvimento pessoal, reconhecendo suas emoções, possibilitando novas vivências relevantes para o processo de socialização” (BRASIL, 1996). Além de estarmos auxiliando as crianças na formação da sua personalidade:

Ao ouvir uma história, as crianças (e o leitor em geral) vivenciam no plano psicológico as ações, os problemas, os conflitos dessa história. Essa vivência por empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções apresentadas na história fazem aumentar consideravelmente o repertório de conhecimento da criança, sobre si e sobre o mundo. E tudo isso ajuda a formar a personalidade! (SISTO, 2010, p.1)

Compreende-se que por meio dos livros, da contação histórias, as crianças são instigadas a uma ressignificação da história, correlacionando a história ouvida com sua realidade, atribuindo sentidos, buscando ajuda nos personagens para resolver conflitos que esteja enfrentando.

Para Coelho (1997), a história é capaz de aquietar, prender a atenção, informar, socializar e educar. E ainda permite

a auto identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma desincorporar a arte à vida [...]. (COELHO, 1997, p. 12)

Porém, o professor tem um papel fundamental nesse processo, pois uma história contada sem vontade, contar apenas para dizer que contou uma história, não irá despertar, desenvolver na criança seu potencial crítico. Partindo desse fato, percebe-se o quanto o papel do contador de histórias também é importante para o desenvolvimento desse potencial, é necessário que o contador leve a criança a questionar, duvidar, pensar sobre o significado atrás de cada história, dos personagens, das emoções presentes na história; “contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério” (BUSATTO, 2008, p.45). Villardi apud Leardini (2006) afirma que

[...] a leitura de “livrinhos de histórias” é vista por alguns professores como uma forma isolada, muitas vezes não obedece a uma continuidade de planejamento, nem tampouco apresenta objetivos para aproximar a criança do livro. Dessa forma, as atividades relacionadas com o contar histórias perdem seu significado perante as crianças, pois referidos professores até as contam com certa frequência, permitem que elas manuseiem os livros com certa constância, entretanto, a definição clara da incorporação do ato em sua prática não é apresentada (LEARDINI, 2006, p.50).

Nota-se o quão importante é que o professor seja instruído, curioso, buscando estar sempre inteirado sobre as tendências literárias vigentes. Que se torna imprescindível ao professor conhecer as preferências de seus alunos. Sendo assim, encontrou uma forma a mais para ajudá-lo a cumprir seu papel, motivando e despertando a aprendizagem e prazer por novas descobertas. Conforme Ferreira (2007, p.9) “toda criança gosta de ouvir história. Ela associa a realidade à fantasia e geralmente se identifica com algum personagem”. Toda criança deve ser estimulada para que se desenvolva o gosto pela leitura, e há muitas maneiras para isso com uma mesma história, o conto original, o reconto, desenhos, dramatização, levando a interação com a história, vivendo o que está sendo contado, a imaginação da criança fluirá. Além de ser na Educação Infantil que a criança vive o imaginário, o lúdico, o faz-de-conta com mais evidência.

Inicialmente, o professor-contador de histórias detém o poder do saber e de organizar em objetivos em estratégias, definindo o que, como, quando e onde contar. Na segunda etapa, o sujeito da ação é o aluno e não mais o professor. Por mais que os comandos sejam os mesmos em um universo de sala de aula, em qualquer faixa-etária lida-se, querendo ou não, com o elemento surpresa, que é a singularidade de cada pessoa. Nesse caso, manifesta na sua forma de perceber e de captar o mundo. Suas experiências atreladas ao contexto imediato, ou seja, a intertextualidade, que aqui é bastante subjetiva, expressa-se na fala ou na escrita do recontador (SILVA apud LEMOS, 2009).

O educador deve estar atento também ao selecionar as histórias analisando seu conteúdo, se este ajudará na formação ou se transmitirá preconceitos, “[...] não é indicado dar qualquer leitura a uma criança, mesmo porque muitas histórias podem passar preconceitos, falsos valores e mentiras, perdendo-se assim, o seu encantamento e a oportunidade de formar bons leitores” (GARCIA, 2010, p.4). Tomando este cuidado, o professor estará zelando pelo encantamento da criança, anulando a possibilidade desta se desapontar, pois segundo Alves apud Garcia (2010, p.4) “O lugar da literatura

não é a cabeça: é o coração”.E quando a história acaba, será mesmo o fim? Para Coelho (1999) não, pois a história permanece como um alimento na imaginação da criança, quando ela tiver uma adversidade, ela pode buscar a solução através das histórias ouvidas.

Na arte de contar histórias há uma cumplicidade entre a história e o ouvinte.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 2001, p.18)

Coelho completa: “Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os elementos essenciais”. (1999, p.21). E ainda, faz uma divisão em faixa etária para a seleção das histórias:

Até os três anos, a criança está na fase pré-mágica. Nesta fase, as histórias devem ter enredo simples e atraente, com situações que se aproximem da vida da criança, da sua vida afetiva, social e doméstica e conter, de preferência, ritmo e repetição. Dos três anos aos seis, é a fase mágica. As crianças ouvem com interesse e encanto e solicitam várias vezes a mesma história.(COELHO, 1999, p.21).

Mas como começar a contar?

Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes... Ah, e segurar o escutador desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e tempo que cada narrativa pede e até exige... E é bom saber dizer que a história acabou de um jeito especial: “Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador... (ABRAMOVICH, 2001, p.21-22).

Sempre estando atento

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com

suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2009, p.11)

O educador deve proporcionar um ambiente prazeroso e estimulante para que a criança possa sentir-se a vontade expressando a compreensão a partir das histórias, mostrando se foi atraída pelo livro.

3 ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

A contação de histórias surgiu antes da escrita. As histórias transmitiam os conhecimentos acumulados pelas gerações, por meio das crenças, dos mitos, dos costumes e dos valores a serem preservados pela comunidade e, por ter mais experiência, os mais velhos narravam as histórias para os mais novos.

As histórias agradam qualquer idade, “histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade. O contador narra para se sentir vivo.” (BUSATTO, 2009, p. 17)

Segundo Rigliski (2012) as histórias ganharam um espaço maior devido ao seu aspecto lúdico, tornando-se uma possibilidade valiosa para a escola, pois

as histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2006, p.21 *apud* RIGLISKI, 2012 p.5).

A autora ainda afirma que

“o principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, já que devido a seu aspecto lúdico se trabalhar com as emoções como medo tristeza, raiva, alegria, espanto, pavor, insegurança, tranquilidade, saudade e lembranças”. (RIGLISKI, 2012, p.6)

E como na Educação Infantil a criança está na fase de conhecimento, ela vai descobrindo sentimentos, formas de resolver seus conflitos internos,

assim como as personagens das histórias ouvidas. É através das histórias que as crianças descobrirão novos mundos, outras formas de agir, aprenderão de tudo e mais um pouco de uma forma prazerosa.

“Ah, mas a criança não saber ler e escrever!” Mas não é preciso ler e escrever para apropriar-se dos benefícios das histórias.

No sentido da língua, particularmente, as histórias: enriquecem a experiência; desenvolvem a capacidade de dar sequência lógica aos fatos; dão o sentido da ordem; esclarecem o pensamento; educam a atenção; desenvolve o gosto literário; fixam e ampliam o vocabulário; estimulam o interesse pela leitura; desenvolvem a linguagem oral e escrita; As histórias são fontes maravilhosas de experiências. São meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar seu conhecimento em relação ao mundo que a cerca. (BUSATTO, 2011, p. 02 *apud* RIGLISKI, 2012 p.8)

Nessa fase, em que a criança ainda não lê nem escreve, a história é oportuna para o desenvolvimento da oralidade, da ampliação de vocabulário. E é também nessa fase que a interação sócio-cultural é desenvolvida, “o contar história como um ato social e coletivo, que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva.” (BUSATTO, 2006, p. 13 *apud* RIGLISKI, 2012 p.8)

O gosto pela leitura também é despertado por meio da contação de histórias, é ouvindo que a criança sentirá vontade de abrir um livro e ler uma história que desperta seus medos, sonhos, que a faz voar para um mundo encantado, cabendo aos pais e aos educadores estimular esse gosto pela leitura.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 2001, p.16 *apud* RIGLISKI, 2012 p.8).

Pode-se perceber quantos benefícios a contação de histórias pode desenvolver na criança, Tahan (1957) apresenta os diversos objetivos que podem ser alcançados por este ato:

- a. Expansão da linguagem infantil - enriquecendo o vocabulário e facilitando a expressão e a articulação;
- b. Estímulo à inteligência - desenvolvendo o poder criador do pensamento infantil;

- c. Aquisição de conhecimentos – alargando os horizontes e ampliando as experiências da criança;
- d. Socialização – identificando a criança com o grupo e ambiente, levando – a estabelecer associações, por analogia, entre o que ouve e o que conhece;
- e. Revelação das diferenças individuais - facilitando à professora o conhecimento de características predominantes em seus alunos, evidenciadas através das reações provocadas pelas narrativas;
- f. Formação de hábito e atitudes sociais e morais - através da imitação de bons exemplos e situações decorrentes das histórias, estimulando bons sentimentos na criança e incitando –a na vida moral;
- g. Cultivo da sensibilidade e da imaginação - condição essencial ao desenvolvimento da criança;
- h. Cultivo da memória e da atenção – ensinando a criança a agir e preparando – a para a vida;
- i. Interesse pela leitura - familiarizando a criança com os livros e histórias, despertamos, para o futuro, esse interesse tão necessário. (TAHAN, 1957, p.21 *apud* RIGLISKI, 2012 p.10)

Percebemos o quão benéfica a contação de história pode ser, o quanto ela pode desenvolver nas crianças em formação, mas devemos estar atentos a forma de como as histórias são contadas, pois se forem contadas de “qualquer jeito”, os benefícios que poderiam ser proporcionados são anulados. Assim sendo, percebemos que as histórias, se bem contadas, só trazem benefícios as crianças . Mas como contar uma história fazendo a criança encantar-se com o que está ouvindo? Busatto ensina alguns segredos:

- a) Curta a história – o bom contador acredita na sua história, se envolve e vibra com ela. Se o professor não estiver interessado, dificilmente conseguirá interessar as crianças;
- b) Evite adaptações – deve-se ler o que está escrito no livro. Não privar os alunos do contato com o texto literário. Os velhos contos de fadas são histórias cheias de fantasias e de poesia. Lidam com sentimentos fundamentais do ser humano: o medo, a angústia, o ódio, o amor. Permitem à criança exercitar através da imaginação, soluções para problemas concretos da vida, que interessam ao adulto;
- c) Não explique demais – a adaptação de histórias é uma descaracterização da história na vida da criança. Muitas vezes, a história exerce a função de desenvolver ou até prolongar o mistério. (...)
- d) Uma história é um ponto de encontro – ao entrar numa roda de história, a criança participa de uma experiência comum que facilita o conhecimento e as ligações com as crianças.
- e) Uma história também é um ponto de partida – a partir de uma história é possível desenvolver outras atividades: desenho, massa, cerâmica, teatro ou o que a imaginação sugerir.
- f) Moral da história – nenhuma, ou melhor, várias. Essa história sobre os segredos das histórias e os contadores de histórias é só o começo, o resto quem conta somos nós, com a experiência, imaginação e bom senso. (...)

Para o professor despertar o interesse de seus alunos, é necessário que ele demonstre que também está interessado, encantado pelo que está lendo. As histórias possuem uma essência, a qual deve ser transmitida pelo contador, sem ser mudada, pois ao mudar uma história, muitas vezes perde-se sua essência, e é essa essência que será o “ponta pé” para a realização de outras atividades. Por que apenas uma moral? Cada aluno pode opinar o que aprendeu com o que ouviu, assim podem compartilhar ideias uns com os outros.

(...)

g) Comentar a história – fazer perguntas diretas para a criança, verificando se ela figurou bem cada um dos caracteres, se os moldou de acordo consigo mesma, se o caráter que nos apresenta é o que pretendíamos transmitir;

h) Dar modalidades e possibilidades da voz – sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importante, falar tão baixo de modo quase inaudível, nos momentos de dúvidas, e usar humoradamente as onomatopéias, os ruídos, os espantos, levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo. É fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então...”, para que haja tempo de cada um imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida. As histórias são expressões de uma mesma personalidade em evolução, do princípio do prazer da realidade. Podem mostrar à criança que a transformação, a mudança e o desenvolvimento são possíveis. Que o prazer não é proibido. Contar histórias é uma arte. Deve dar prazer a quem conta e ao ouvinte. As histórias têm finalidade em si. Contadas ou lidas constituem sempre uma fonte de alegria e encantamento. (BUSATTO, 2006)

Cabe então ao professor elaborar estratégias de acordo com a idade de seus alunos, buscando aproveitar ao máximo os benefícios que a contação de história pode proporcionar as crianças, o quais já percebemos que são muitos, se bem trabalhados.

De acordo com a pesquisa realizada por Santos (2011)

o uso da contação de histórias influenciou na atitude dos alunos, pois obtiveram conhecimento de regras e valores contidos nas histórias e que foram absorvidos no sentido de ajudar a enfrentar os conflitos existenciais e a lidar com os medos, mostrando como resolver os problemas e a compreender as coisas ao seu redor de forma lúdica.

[...]

A utilização da contação de histórias permitiu a criação de um ambiente saudável, onde diminui o individualismo, uma melhora significativa em relação a segregação, que auxiliou os alunos a lidar e respeitar as diferenças, o que favoreceu a prática da interação, uma vez que perceberam a importância de cooperar, passaram a brincar em grupo, tornando-os mais sensíveis e solidários com os colegas.

[...]

acontação de histórias teve grande influência, pois contribui para que fossem desenvolvidos conceitos mostrando a importância da solidariedade e da consideração uns pelos outros, tanto no ambiente escolar como no familiar.
(SANTOS, 2011, p. 43)

Mediante o relato de Santos (2011), percebemos que é possível alcançar os benefícios da contação, que eles podem sair da teoria e tornar-se reais. Também fica evidente o quanto as histórias podem influenciar positivamente na vida de nossas crianças.

Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que a história provoca... (desde que seja boa). Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 2001, p.16)

Além de benéfica, a contação de histórias também proporciona prazer, encantamento, fascinação para as crianças, e podemos convalidar esses sentimentos através das experiências de Lippi e Fink (2012): “a cada contação feita, percebe-se o brilho, a alegria e a interação das crianças ali presentes e também o descontentamento quando o momento de contação termina, pois gostariam de continuar ouvindo mais e mais histórias”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do exposto neste trabalho, pode-se afirmar que acontação de histórias auxilia na formação humana e, dessa forma, deve ser valorizada e desenvolvida no meio escolar a fim de desenvolver a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória, o gosto pela leitura e outras habilidades humanas, além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização da criança. A Literatura Infantil é recurso significativo na aprendizagem e no desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo e social da criança, atentando para o fato de que esta encanta as crianças.

Os pais e os professores devem ser mediadores deste mundo encantado, ensinando a gostar de ler, proporcionando o encantamento, o desenvolvimento e também a autonomia para que a criança possa refletir sobre seus conflitos internos, buscando nas histórias uma forma de superá-los.

Desta forma se vê a necessidade do fazer de conta para a criança, e sempre incentivar a leitura no seu dia a dia, incluindo o prazer da ler em sua rotina.

O mundo da magia para a criança é apresentado através da contação de histórias, e por que não apresentá-lo cedo? Proporcionar o encantamento pela leitura desde pequeno, para que mais tarde torne-se uma pessoa sensível, reflexiva, criativa e crítica. Além de proporcionar o que nessa fase eles buscam: conhecimento e além do conhecimento, também é transmitido valores, sendo assim ainda mais na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Este trabalho evidencia que o momento de aprendizagem pode ser prazeroso, além de propiciar o nascimento de um leitor.

Com base nesse estudo, esperamos poder realizar novas descobertas em relação à Literatura Infantil, buscando formas de despertar ainda mais nas crianças a magia da leitura. Esperamos que esta pesquisa apenas fomente ainda mais iniciativas para descobrir como formar leitores desde a Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Frannf. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Trad. De Octavio Mendes Cajado. 6. ed. São Paulo, Ática, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, 5. ed. Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRITO, Danielle Santos de. **A importância da leitura na formação social do indivíduo.** Periódico de Divulgação Científica da FALS, 2010. Disponível em: http://fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf. Acesso em: 15/02/2015.

BUSATTO, Cléo. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço.** Petrópolis: Vozes, 2008.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa.** Petrópolis: Vozes, 2003.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** 3º Ed. São Paulo: Paulus, 2009.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática.** São Paulo: Moderna, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil.** São Paulo: Ática, 1999.

COSTA, Marta Moraes da. **Metodologia do ensino da literatura infantil.** Curitiba: IBPEX, 2007. Disponível em: http://revistadeextensao.proex.ufu.br/include/getdoc.php?fid%3D565%26article%3D187%26mode%3Dpdf&ei=BIPSTdr1LYbn0QHu3_HzCw&usg=AFQjCNHTS-9gGjJrSI01TLVq2DbaBKNfzQ&sig2=JVyV6iY_ZQZolmmtC76oXg. Acessado em 05/04/201.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática.** São Paulo: Ática, 2006.

DOHME, V. **Técnicas de contar histórias.** 7. ed. São Paulo: Informal, 2000.

FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com arte e ensinar brincando: para a educação infantil e series iniciais do ensino fundamental.** Rio de Janeiro: WAK ed., 2007.

GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão. **Leitura e contação de histórias: um exercício imaginário.** São Paulo: UNIRP, 2010. Disponível em: www.alb.com.br/cole-3642.pdf. Acesso em: 05/07/2015.

LAJOLO, Marisa.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEARDINI, Eleusa Maria Ferreira. O contar histórias finalidades e contribuições para a criança. In: **O contar histórias na educação infantil: em estudo acerca dos valores atribuídos por professores sobre a importância dessa prática para o desenvolvimento da função simbólica.** Campinas: UNICAMP, 2006. 133f.

LEMOS, Simone Alves Nepomuceno. **Linguagem e Infância: a Literatura Infantil no Processo de Desenvolvimento da Criança Pequena.** In:Revistaciênciaaprender. 3. ed.Belo Horizonte: Fundação Aprender, 2009. Disponível em:<http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=129>. Acesso em: 10/08/2015.

LIPPI, Andréia; FINK, Alessandra Tiburski. **A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS.** Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI ISSN 1809-1636 Vivências. Vol.8, N.14: p.20-31, Maio/2012. Disponível em: http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_014/artigos/artigos_vivencias_14/n14_02.pdf. Acesso em: 23/08/2015.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer: interação participativa com a literatura infantil na escola.** São Paulo: Paulinas, 1996. Petrópolis: Vozes, 2008.

REGATIERI, L.P.P. **Didatismo na contação de histórias.** Em Extensão, v.7,n.2, p. 30-40, 2008.

RIGLISKI, ADRIANE SCHREIBER. **Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância.** Ijuí, 2012. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1619/TC%202012%20Adriane%20S.%20Rigliski.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23/08/2015.

SANTOS, Rosana Maria Dos. **acontação de histórias como instrumento desocialização na educação infantil.** Três Cachoeiras, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71970/000880723.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23/08/2015.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. p. 1-4. Disponível em:www.artistasgauchos.com.br. Acesso em: 09/08/2015.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA